

## ANÁLISE DA BNCC DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO DO EIXO

### LEITURA

Rosana Mendanha Aleixo<sup>1</sup>  
Renato de Oliveira Dering<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo busca promover uma análise da BNCC de Língua Portuguesa no que se diz respeito ao eixo leitura nos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, será proposta uma discussão sobre leitura e letramento para compreender a importância desse eixo na formação de leitores. O trabalho toma como base a revisão bibliográfica e a análise documental. O diálogo teórico tem como problema de pesquisa compreender de que forma a BNCC propõe o ensino de leitura no ensino fundamental séries iniciais. O objetivo é analisar esse eixo e seus impactos na importância para a formação de leitores, considerando que este eixo toma como pressuposto as práticas de linguagens.

**Palavras-chave:** Ensino de língua portuguesa. Base Nacional Comum Curricular. Práticas de linguagens.

## ANÁLISIS BNCC EN LENGUA PORTUGUESA: UNA VISION DEL EJE DE

### LECTURA

**Resumen:** Este estudio busca promover un análisis del BNCC de Lengua Portuguesa con respecto al eje de la lectura en los primeros años de la escuela primaria. Por tanto, se propondrá una discusión sobre lectura y alfabetización para comprender la importancia de este eje en la formación de lectores. El trabajo se basa en una revisión de la literatura y el análisis de documentos. El diálogo teórico tiene como problema de investigación comprender cómo el BNCC propone la enseñanza de la lectura en los primeros grados de la escuela primaria. El objetivo es analizar este eje y su importancia en la posibilidad de formar lectores, considerando que este eje asume prácticas del lenguaje.

**Palabras clave:** Enseñanza de la lengua portuguesa. Base de Currículo nacional Común. Prácticas de lenguajes.

## INTRODUÇÃO

Quando se fala em leitura e formação de leitores, por exemplo, é preciso entender que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, como já discorria Paulo Freire (2011), mas também que a leitura da palavra intensifica a visão crítica do sujeito sobre sociedade. Por assim ser, é que chamamos a atenção para a importância da leitura e, por conseguinte, da formação de leitores, na educação básica.

<sup>1</sup> Discente do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0495187167785712>. Orcid: 0000-0002-8433-8126. E-mail: rosanaaleixo@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Adjunto no Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Pós-doutorando em Estudos de Linguagens pelo Posling/CEFET-MG. Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela UFG. Coordenador Projeto de Iniciação Científica (PIC) “Estudos decoloniais da linguagem, educação e do direito: letramentos e práticas interculturais” e Líder-pesquisador do grupo FORPROLL/ CNPq/ UFVJM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7891833942208165>. E-mail: renatodering@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0776-3436.

Torna-se importante refletir, portanto, conforme Silva e Dering (2019) abordam, que a leitura no ensino fundamental é o momento em que a criança desenvolve diálogos com os conhecimentos mais diversos. Logo, é a partir desse ponto que se pode falar acerca de aprendizagens significativas que ocorrem por meio do ato de ler, promovendo hábito desse ato e formando leitores.

2

Para além dessa visão e corroborando com a concepção de que a leitura da palavra potencializa uma percepção mais crítica do sujeito, é que podemos entender que o processo de escolarização se trata de um momento também para a formação de leitores e, por isso, torna-se importante compreender como esse processo é visto pela legislação brasileira vigente, no caso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Tomando como base tais apontamentos, é que o presente estudo se justifica, visto que pretende debruçar de maneira crítica sobre as propostas da BNCC para a formação de leitores no ensino fundamental, tomando como foco o eixo leitura nos anos iniciais. Para tanto, temos como problemas de pesquisa de que forma a BNCC propõe o ensino de leitura no ensino fundamental séries iniciais.

Observado isso, tem-se a pretensão de analisar tal eixo da BNCC e verificar como ele auxilia (ou não) a potencializar a bagagem de leitura dos alunos com o foco de práticas de linguagens, discutindo a formação de leitores por meio dos letramentos. Pretende-se, portanto, discutir a importância da formação de leitores críticos e compreender os preceitos da leitura na BNCC de Língua Portuguesa dos anos iniciais no que se refere à leitura no ensino fundamental.

## METODOLOGIA

O trabalho teve abordagem e método de pesquisa qualitativa, compreendendo fenômenos comportamentais do sujeito, através de dados narrativos de leitura e estudo de preferências individuais de cada sujeito. Há, ainda, uma análise documental que está inserida na pesquisa qualitativa, em que se pretende complementar informações obtidas pelas leituras realizadas. Dentro da pesquisa, é explorado o assunto com os autores citados no decorrer do trabalho, tendo como tipo de pesquisa exploratória. Para Gil (2008, p. 46):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos

de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

3 O levantamento bibliográfico, visando uma análise documental que estimulam a compreensão em torno do tema, pretende buscar e refletir sobre a “leitura bancária”. Esse levantamento “é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo”. (GIL, 2008, p. 49).

Para a discussão teórica deste estudo, toma-se como referência os estudos de Paulo Freire, que, em suas obras, discutem a importância da leitura para a formação de leitores, bem como a necessidade de formar sujeitos críticos. Magda Soares, Angela Kleiman e Renato Dering contribuem com suas proposições acerca dos letramentos. O documento que será analisado para esta pesquisa é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo como recorte, as questões relacionadas às práticas de linguagens, em específico, o eixo leitura para os anos iniciais deste documento.

## REFLEXÕES SOBRE LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA

Ensinar e aprender é decorrente de práticas socioculturais da sociedade, principalmente quando falamos do ensino de línguas. Contudo, alguns pontos precisam ser levantados quando falamos do ensino de língua portuguesa na educação básica: a formação leitora. Embora Paulo Freire (2011) discorra, em seus estudos, que a leitura de mundo preceda a leitura da palavra e esta, por sua vez, intensifica a visão crítica do sujeito, é comum que esse processo de ler não seja valorizado pelas escolas. Vale lembrar que “o ensino de Língua Portuguesa sempre foi palco de problematizações acerca da formação leitora. Tais discussões repercutiram na elaboração dos documentos oficiais que nortearam/norteiam a educação no Brasil” (SILVA; DERING, 2020, p. 156).

A leitura de mundo é deixada de lado quando entramos na escola, porque a educação ainda parece estar engessada ligada a uma concepção de educação bancária. Isto é, uma educação decorativa, sem a criança vivenciar e compreender a leitura de mundo que a pertence. As leituras de livre escolha do aluno também acabam sendo desmerecidas. Esse tipo de educação é, a seu modo, uma “leitura bancária”, um tipo uma leitura mecanizada dentro dos

padrões escolares impostos. A educação bancária desconsidera o sujeito em suas bagagens de conhecimento,

Assim, a educação passa a ser “o ato de depositar”, no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita. Em lugar de comunicar, o professor dá comunicados que os alunos recebem pacientemente, aprendem e repetem. É a concepção “acumulativa” da educação (concepção bancária). (FREIRE, 1979, p. 41)

4

Nesse envolvimento, em que acumular se torna ter conhecimento, deixa-se de lado a criticidade do sujeito. Logo, torna-se importante afastar desse pressuposto e compreender que: “ensinar é um processo essencialmente de mediação com o outro, professores e/ou alunos com diferentes experiências, no qual o conhecimento não é transmitido, mas socialmente construído através da linguagem” (SILVA; DERING, 2020, p. 160). Por isso é que:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresenta – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. Não obstante, em nossa trajetória existencial, interpõem-se inúmeras barreiras ao ato de ler. (MARTINS, 1997, p. 17).

Podemos observar, desse modo, que Freire (1979; 2011), Martins (1997) e Silva e Dering (2020) compactuam na perspectiva de que a leitura possibilita ao sujeito maior compreensão do mundo, visto que todos eles caminham para a necessidade de desenvolver a crítica por meio da leitura e que isso amplia a forma como adquirimos conhecimentos e agimos diante o mundo.

Ocorre que quando falamos na leitura na escola, ela deveria estar conjunta com os saberes que os estudantes levam para dentro dos muros da sala de aula, entretanto, isso não acontece e a leitura acaba sendo negligenciada, faltando ainda, muitas vezes, maior diálogo na ação docente ou nas práticas escolares para fomentar a formação de leitores. Dito isso, é que compreendemos que a leitura é de extrema importância no processo de escolarização, no entanto, como posto, ela acaba sendo desvalorizada.

Um outro ponto para que a leitura seja desvalorizada é a focalização no ensino de gramática, por isso, salienta-se que: “a leitura depende não apenas do contexto linguístico do texto, mas também do contexto extralinguístico de sua produção e circulação” (ANTUNES,

2003, p. 77). Por isso, ler também deve ser um ato para além do ensino da norma culta. No entanto, nessa perspectiva pouco se vê atividades sendo realizadas. Assim, nota-se que ler em sala de aula não é uma ação comum e, por assim ser tida, por muitos (inclusive professores), como perda de tempo. Por isso, é preciso entender que:

[...] a leitura se constitui como um grande problema social da atualidade. Conscientes dessa realidade, professores deparam-se com a falta de instrumentos pedagógicos no desenvolvimento de estratégias de leitura. Afinal, esses profissionais necessitam apresentar resultados concretos, com caráter mais científico. Necessitam, principalmente, ter presentes os níveis de apropriações atingidos para servir de indicativos e, assim, criarem novas estratégias, diversificados recursos e técnicas para a evolução dos processos de leitura. (SILVA, 2015, p. 231 apud DERING; SILVA, 2020, p.181-182).

É válido ter consciência de que o ensino de leitura continua sendo um problema dentro da escola, pois os educadores parecem não ter estratégias e instrumentos pedagógicos para o seu trabalho, que podem permear desde uma formação deficitária até uma gestão escolar que não preze por esse tipo de atividade. Por isso, tem-se que entender que: “a escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida.” (ANTUNES, 2003, p. 20) e, por assim ser, precisa fomentar a leitura como uma prática de linguagem para que ela promova nos sujeitos formas de ver e entender o mundo.

Deste modo, torna-se importante compreender que o incentivo à leitura é necessário no processo de escolarização, pois ela proporciona uma ampliação na forma de adquirir novos saberes. Vale lembrar que:

O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber sem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância. (FREIRE, 2020, p. 35).

Portanto, trata-se de uma superação constante. Logo, é importante estar em constante aprendizado com a leitura, pois com ela aprende-se cada vez mais e com isso, ficando longe da ignorância do saber. Vale lembrar que não há “ignorantes absolutos”, é a visão de um indivíduo sobre o outro que torna isso ser assim. Um exemplo é uma pessoa ir conversar sobre colheitas em grupo de camponeses, deve-se ficar atento para a possibilidade com que eles saibam mais do que a pessoa sobre o assunto, sabendo selar um cavalo, quando vai chover, semear, etc. Os saberes são relativos.

Por serem relativos, são diferentes com a realidade de vida de cada sujeito. Por isso, como aponta Freire (2020), não podemos nos colocar na posição de alguém que seja superior ao outro, que seria um grupo de ignorantes. A verdade é que todos nós somos ignorantes a depender dos parâmetros que são utilizados, por isso, enquanto docente, devemos promover o diálogo em sala de aula. Às vezes, os alunos sabem determinado conhecimento que nos é diferente, e é nessa relação entre saberes que o processo ensino-aprendizagem vai ocorrendo.

6

O desacordo entre as escolas brasileiras e a realidade da leitura que é proposta, é malvista, tem que estar conjunta com os saberes dos estudantes que trazem para a escola, essas questões devem ser corrigidas e não negligenciadas. Ainda falta acesso, espaços formais culturais para a formação de leitores conhecedores, e com isto, precisa-se ter um investimento, aprofundamento nas práticas de linguagem para garantir os conhecimentos escolares, mas também a vida social no ensino fundamental, nos ambientes públicos e privados, onde possa haver a participação dos alunos, professores e todos que fazem parte do contexto escolar.

Um investimento pedagógico mais aprofundado no que se refere ao ensino de leitura, por exemplo, seria fundamental.

Contudo, como se pode perceber, há um desacordo entre a realidade das escolas brasileiras com a proposição dessa diversificação de leitura que se propõe. Mesmo sabendo que “os saberes que o estudante traz consigo, antes de ser inserido no contexto escolar, não podem ser negligenciados”, se faltam espaços de acessos, não é de se questionar a falta de outros atributos necessários à formação de leitores, pois, ainda que a leitura do mundo venha a preceder a leitura da palavra, como já apregoava Freire (2011), os espaços formais devem ser potencializadores da cultura e conhecimentos sistematizados. (DERING, 2020, p. 186).

Nota-se que a proposição de diversificação da leitura não condiz com a realidade das escolas brasileiras com que os alunos já trazem para dentro das salas de aula, faltando investimentos e atributos que são de suma importância para a formação de leitores conscientes com a leitura de mundo que precede a leitura da palavra, com isso, gerando espaços culturais de conhecimento e aprendizagem sistematizados, aprimorando a leitura dos estudantes. Portanto, é importante compreender que a leitura é a base para um ensino de qualidade e sem ela nossos alunos se tornariam órfãos de aprendizado de suas próprias realidades, se tornando só meros copiadores e repetitivos dentro do ensino e aprendizado escolar.

## LEITURA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL: ESTUDOS DO LETRAMENTO

O tempo é um processo de adaptação para a consciência do homem, que com isso, se compromete com a própria realidade. A intransitividade é o primeiro estado da consciência, onde possui um termo da noção gramatical de verbo intransitivo que significa: aquele que não deixa passar sua ação a outro, nesse sentido é a consciência se refletindo e indo para o mundo e a sociedade que conhece. Assim dizia:

A consciência se reflete e vai para o mundo que conhece: é o processo de adaptação. A consciência é temporalizada. O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade. O primeiro estado da consciência é a intransitividade (tomou-se este termo da noção gramatical de verbo intransitivo: aquele que não deixa passar sua ação a outro). (FREIRE, 2020, p. 50).

As práticas sociais de leitura possuem uma relação direta com a consciência dos sujeitos, pois é através delas, dos textos que se reflete o mundo que o sujeito quanto aluno conhece. O conhecimento que ele adquire leva ao comprometimento da realidade em que vive, depois que isso ocorre vem a consciência para dentro de si mesmo e não passa a ação para outro.

Para os alunos nas escolas, a leitura precisa fazer sentido, logo, os educadores precisam ser causadores de estímulos para esse ato. Dito isso, é que podemos afirmar que “a leitura se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos do texto, das concepções que, às vezes sutilmente, estão embutidas nas entrelinhas” (ANTUNES, 2003, p. 81).

Ocorre que ao obrigar um aluno a ler sem um trabalho com tal leitura, não se pode falar em formação de leitores. O aluno precisa saber as razões das escolhas da leitura e dialogar com o texto. Não se forma leitores pela imposição, mas sim decodificadores. Por isso, tomando como base os anos iniciais do ensino fundamental, é necessário entender que:

[...] que não apenas as práticas letramento, como as de alfabetização, voltam-se para uma repetição de valores sociais já instaurados. Entre eles, o de que a aprendizagem é um processo para a inserção dos sujeitos em uma sociedade industrial e basta o ensino do trivial para que ele possa ser integrante desta. (DERING; SILVA, 2020, p. 184).

Por isso, afirmamos que a leitura enquanto prática social é importantíssima e deve ser relacionada com um tipo de aprendizagem cotidiana e contextualizada, bem como com o seu uso no meio social, em situações concretas. Nesse contexto, Magda Soares (2004, p. 6) diz que:

Entretanto, se há coincidência quanto ao momento histórico em que as práticas sociais de leitura e de escrita emergem como questão fundamental em sociedades distanciadas geograficamente, socioeconomicamente e culturalmente, o contexto e as causas dessa emergência são essencialmente diferentes em países em desenvolvimento, como o Brasil, e em países desenvolvidos, como a França, os Estados Unidos, a Inglaterra. Sem pretender uma discussão mais extensa dessas diferenças, o que ultrapassaria os objetivos e possibilidades deste texto, destaco a diferença fundamental, que está no grau de ênfase posta nas relações entre as práticas sociais de leitura e de escrita e a aprendizagem do sistema de escrita, ou seja, entre o conceito de letramento (illetterisme, literacy) e o conceito de alfabetização (alphabétisation, reading instruction, beginning literacy).

Por meio do letramento é que o indivíduo ou grupo social se familiariza com a leitura (e com a escrita) enquanto uma ação do sujeito e não como (re)produção de códigos. Desse modo, entendemos que os alunos devem ser convidados a ler e, a partir do ato de ler, instigados a produzir e refletir sobre as interlocuções possíveis.

Por isso, falamos em práticas de linguagens, isto é, o uso da língua em situações de uso pelo sujeito e nas interações que a elas cabem. E, ao falarmos de práticas de linguagens, evidentemente, falamos em letramento.

Segundo propõe Angela Kleiman:

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” [...] dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências *individuais* no uso e na prática da escrita. (KLEIMAN, 1995, p. 16, grifo da autora)

Sabendo que o conceito de letramento é inerente ao conceito de práticas de linguagens, o ato de ler precisa ser um incessante diálogo entre alunos e textos em sala de aula. Nesse ponto, vale refletir que, embora o termo letramento vise potencializar o sujeito em suas práticas, ainda há uma distância considerável entre o sujeito e a promoção de seus saberes em ambiente escolar.

Logo:

A hipótese aqui é, então, que letramento escolar e letramento social, embora *situados* em diferentes espaços e em diferentes tempos, são parte dos mesmos processos sociais mais amplos, o que explicaria por que experiências sociais e culturais de uso da leitura e da escrita proporcionadas pelo processo de escolarização acabam por habilitar os indivíduos à participação em experiências sociais e culturais de uso da leitura e da escrita no contexto social extra-escolar (SOARES, 2004, p. 111, grifo da autora).

No entanto, quando se fala em leitura, ocorre que o letramento escolar se torna uma prática ainda que precisa ser melhorada. Dering (2021, p. 72) tece uma crítica ao afirmar que:



“O *letramento escolarizado* [...] faz parte de um modelo pedagógico criado pela modernidade a fim de promover a manutenção dos conhecimentos científicos validados.” (DERING, 2021, p. 72). Logo, uma visão ainda escolarizada do que é ou não importante para os alunos, desconsiderando o sujeito do qual discorre Freire (1979; 2020).

A crítica do autor ocorre, visto que, na escola: “aceita-se que existe a diversidade de letramentos, mas ainda assim se mantém o letramento escolarizado como superior ou mais adequado.” (DERING, 2021, p. 77). Diante disso, é que nos propomos a compreender o que são as práticas de linguagens na BNCC e como se pode pensar nelas enquanto promoção do sujeito e seus saberes e não do dito letramento escolarizado.

## **BNCC DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA BREVE ANÁLISE DO EIXO LEITURA**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que tem como foco promover um parâmetro na aprendizagem de todos os brasileiros em ambiente escolar. Ele traz mudanças significativas em seu texto quando comparado ao seu anterior, os Parâmetros Curriculares Nacionais, entre tais mudanças, tem-se a retirada dos temas transversais, que agora estão diluídos e sem foco, bem como a proposta de organização das disciplinas, que agora tem nova nomenclatura “componentes curriculares”.

Língua Portuguesa é um componente dentro da grande área de Linguagens, que ainda engloba Arte e Educação Física (anos iniciais), além de inglês para os anos finais (BRASIL, 2018). É importante compreender os objetivos das áreas são compreendidos por chamadas “competências”. Assim, há Competências Gerais, que englobam todos os componentes curriculares da área de Linguagens, mas também Competências Específicas, estas, por sua vez, direcionadas para cada um dos componentes curriculares. A Língua Portuguesa tem 6 competências, das quais perpassará todo o ensino de língua nos 9 anos da Educação Básica (BRASIL, 2018).

A Língua Portuguesa se organiza em quatro eixos, dos quais se referem às práticas de linguagens: oralidade, leitura/escuta, produção e análise linguística/semiótica. Segundo a BNCC (2018, p. 68): “As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multisemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir”.

O eixo leitura, ainda segundo a BNCC, “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor, ouvinte e espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação” (BRASIL, 2018, p. 71).

O eixo pretende promover práticas de leituras diversas que propiciem:

fruição estética de textos e obras literárias, pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos, realização de procedimentos, conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes, sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública, ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2018, p. 71).

Afirma ainda o documento, justificando o dito acima, que a leitura é tomada de forma mais ampla, extrapolando o texto escrito. Por essa razão, traz, dentro do eixo, dimensões que ele deve abarcar e objetivos para cada dimensões. São elas: “Reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana”, “Dialogia e relação entre textos”, “Reconstrução da textualidade, recuperação e análise da organização textual, da progressão temática e estabelecimento de relações entre as partes do texto”, “Reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações”, “Compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos”, “Estratégias e procedimentos de leitura” e “Adesão às práticas de leitura”. (BRASIL, 2018, p. 72-74).

Todas essas dimensões propõe a compreensão da leitura para além do texto escrito, a exemplo, podemos destacar um dos objetivos da dimensão “Reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana”, que propõe: “Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc.” (BRASIL, 2018, p. 72).

As dimensões também abordam estratégias de leitura e procedimentos diversos para as leituras do mundo digital, como observamos no objetivo: “Manejar de forma produtiva a não linearidade da leitura de hipertextos e o manuseio de várias janelas, tendo em vista os objetivos de leitura.” presente na dimensão “Estratégias e procedimentos de leitura” (BRASIL, 2018, p. 74).

Temos, assim, que a proposta principal é entender que as práticas de linguagem devem dialogar com os sujeitos em seu processo de escolarização. Logo, quando falamos em práticas de linguagem, também precisamos compreender os contextos de uso e, desse modo, falamos em letramentos, cabendo, por assim ser, uma reflexão de como a escola trabalha a leitura e como ela irá trabalhar a BNCC no que se refere a esse eixo. Não se pode tomar o eixo leitura da BNCC como um letramento escolarizado, isto é, um tipo de letramento que: “[...] insere-se como o novo projeto de sociedade, por meio da pedagogização dessas práticas de linguagem.” (DERING, 2021, p. 71).

Por isso, a BNCC deve ser utilizada como parâmetro e se adequar aos currículos e não como uma regra fixa e não adaptável. Falando de leitura, é imprescindível que o ato de ler seja fomentado observado as dimensões propostas deste documento.

No eixo leitura na BNCC de Língua Portuguesa, o letramento pode ser compreendido por meio dessas dimensões que asseguram propostas, procedimentos e estratégias para o trabalho com a leitura. Os eixos apresentados são tomados como práticas de linguagem situadas para que o aluno se compreenda como um sujeito da aprendizagem. As competências e habilidades vão dialogar nesse sentido, assim:

Considerando os pressupostos, e em articulação com as competências gerais da Educação Básica e com as competências específicas da área de linguagens, o componente curricular de Língua Portuguesa deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências específicas. Tais competências perpassam todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental e são essenciais para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania. (BRASIL, 2018, p. 86).

A reflexão crítica aqui proposta, portanto, busca perceber que se as práticas de linguagens forem bem utilizadas na educação básica, elas possibilitarão potencializar a formação de leitores, trazendo um impacto positivo no processo de escolarização dos sujeitos, fazendo com que o aluno desenvolva, por meio da leitura, um pensamento crítico em diversos contextos.

## CONSIDERAÇÕES

Ler é um ato que permite ao sujeito ir além do trivial e buscar novas formas de aprendizagem. Deste modo, a leitura deve ser promovida e entendida como importante e

necessária para o desenvolvimento dos sujeitos. Infelizmente, observa-se que algumas práticas que não visem potencializar a leitura acabam promovendo a educação bancária, a qual já criticava Paulo Freire, ou ainda focalizando em um tipo de letramento escolarizado.

Observamos que a BNCC avança no que se refere à leitura, embora não como se esperava do documento. Deste modo, o eixo leitura, se não tomado por meio do letramento escolarizado, pode potencializar a formação de leitores críticos, trazendo um impacto positivo, pois permite articular as propostas de práticas de linguagem no que se espera do fomento à leitura nos anos iniciais do ensino fundamental.

A partir dos estudos aqui propostos, pode-se concluir que a leitura é de fato importante na formação dos alunos e que ela, como outros conhecimentos, não pode ser compreendida como perda de tempo ou utilizada como apoio apenas para ensinar outras disciplinas, como a gramática. Observado isso, portanto, devemos compreender a leitura é uma prática de linguagem que deve ser promovida e, ancorada na BNCC, não pode ser *pedagogizada* e sim potencializada.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**: São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (SEB). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso: 20 nov. 2021.

DERING, Renato de Oliveira. **A prova de redação do Enem: manutenção da colonialidade por meio do ensino de produção textual**. (Tese de Doutorado em Letras e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2021.

DERING, Renato de Oliveira; SILVA, Eduardo Dias da. “Leituras, literatura e BNCC: diálogos necessários e intermitentes. In. SOUZA, Sweder; RUTIKUESWISKI, Andréia. (Org.) **Ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular**: propostas e desafios (BNCC – Ensino Fundamental II). Campinas: Mercado das Letras, 2020. pp. 181-202.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação-uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 42ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Paz & Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

KLEIMAN, Angela. “Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.”  
KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense: 1997.

SILVA, Eduardo Dias; DERING, Renato de Oliveira. “Ensino de língua portuguesa: a formação do leitor frente às propostas de leitura da BNCC para o ensino fundamental”. In. NASCIMENTO, Juscelino Francisco do. (Org). **Língua Portuguesa**: formação, ensino e interdisciplinaridade. Teresina: EDUFPI, 2020.

SOARES, Magda. “Letramento e Escolarização”. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

*Recebido: 22 de dezembro de 2021*

*Aceito: 04 de janeiro de 2022*